

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA**

**GABRIEL MAIA OLIVEIRA**

**TRAVESSIA: VIVÊNCIAS DE PESSOAS TRANS NA  
FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL**

**SÃO BORJA  
2023**

**GABRIEL MAIA OLIVEIRA**

**TRAVESSIA: VIVÊNCIAS DE PESSOAS TRANS NA  
FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de jornalismo da Universidade  
Federal do Pampa, como requisito parcial  
para obtenção do Título de Bacharel em  
Jornalismo

Orientação: Profa. Sara Feitosa.

**SÃO BORJA  
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M217t Maia, Gabriel  
Travessia: vivências de pessoas trans na fronteira oeste do  
Rio Grande do Sul / Gabriel Maia.  
48 p.  
  
Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, JORNALISMO, 2023.  
"Orientação: Sara Alves Feitosa".  
  
1. Corpos Trans. 2. Documentário. 3. Ensaio fotográfico. I.  
Titulo.

**GABRIEL MAIA OLIVEIRA**

**TRAVESSIA: VIVÊNCIAS DE PESSOAS TRANS NA  
FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso - Projeto Experimental apresentado ao curso de jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo  
Orientação: Profa. Sara Feitosa.

TCC defendido e aprovado em:08/12/2023.

Banca examinadora:

---

Prof. Dra. Sara Alves Feitosa  
Orientadora  
(Unipampa)

---

Prof. Dra. Alciane Nolibos Baccin  
(Unipampa)

---

Prof. Dra. Carmen Regina Abreu Gonçalves  
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **SARA ALVES FEITOSA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/12/2023, às 16:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALCIANE NOLIBOS BACCIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/12/2023, às 10:10, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CARMEN REGINA ABREU GONCALVES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/12/2023, às 21:05, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1322381** e o código CRC **0B5B151F**.

Dedico este trabalho a minha e a tua criança.

## AGRADECIMENTO

Gostaria de começar agradecendo a pessoa que fez esse projeto ser possível, que chegou a duvidar da própria capacidade, e que durante a produção teve que lidar com adversidades na vida pessoal e acadêmica. Sei agora que sou capaz, e todo o conhecimento adquirido neste trabalho e durante a graduação é graças a todas as pessoas incríveis que passaram pela minha vida enquanto estive nesse processo. Portanto, acho necessário colocar aqui um agradecimento a cada um que me ajudou a persistir nessa caminhada de conhecimento.

Em 2019, logo que cheguei a São Borja, tive a oportunidade de me aproximar de pessoas incríveis que me mostraram toda a vida de universitário na cidade. Então agradeço ao meu padrinho de graduação, Jonathan Karter, por me acolher como alguém da família. E dizer que as nossas diversas “reuniões do vinho”, que aconteciam uma vez ao mês, me traziam conforto e pertencimento. Um momento tão simples, que achávamos que se baseava em fofocas, acabou se tornando uma rotina prazerosa de compartilhamento de conhecimentos. Ainda em 2019 tive a oportunidade de dividir casa com algumas pessoas que acabaram se tornando irmãos. Cris, Guilherme e Naju, vocês tornaram a convivência prazerosa e aconchegante, fazendo com que eu me sentisse pertencente a uma “família desconstruída” formada por “*jornalínguas*”. Sou grato demais a vocês. E se o assunto é família de São Borja, não tenho como deixar de agradecer a Tamara, que foi uma mãe para eu e muitos outros que faziam parte da turma. Uma pessoa incrível e simples, que com um tereré e uma bronca trazia racionalidade ao grupo, mesmo com uma diferença de idade pequena.

Em 2020, um ano emblemático e triste, um grupo de universitários se encontrava no medo e na solidão em São Borja, e apesar das adversidades que o mundo passava, muitos encontraram aconchego mesmo estando a mais de mil quilômetros de casa. Foi quando eu descobri que a companhia de algumas pessoas eram valiosas demais, pois cada minuto era importante naquele momento. Afinal, não sabíamos se estávamos seguros na própria casa. Agradeço então ao Carlos Catelan por me tranquilizar neste momento e me fazer companhia no início de algo que achamos que duraria alguns meses até voltar a naturalidade. Também não posso deixar de agradecer à minha “avó”, Duda Perin, que assim como o Karter,

fazia parte da linhagem jornalista. Duda me acompanhou em grande parte da graduação, mas foi durante o período pandêmico que fez morada e se mostrou uma avó de verdade, que cuidou e me acolheu junto a sua família em diversos momentos. Ainda no período pandêmico, tive a oportunidade de fazer o que eu mais sei com a terceira idade, ser ouvinte das histórias de vida e fazer companhia para assistir novela. Dona Daura e dona Vânia, além de se tornarem amigas de novelas, me acolheram como um neto e me proporcionam aconchego em um momento que parecia que nenhum universitário residia mais em São Borja. E assim como elas me trouxeram conhecimentos de vida, eu consegui ensiná-las um pouco sobre a juventude.

E não tem como falar sobre amizades pandêmicas e não lembrar da Vic Paiva, que me ajudou a entender que o companheirismo é algo que se constrói aos poucos, com leveza e umas pitadas de verdades. A Lara, que é natural de São Borja, e que tem uma família incrível que aceita a todos sem julgamentos. Uma família que me acolheu e que fazia questão que eu estivesse junto em datas comemorativas como aniversários e festas de fim de ano, portanto muito obrigado Tia Adriana e Tio Henrique pelo carinho.

E a volta da normalidade ao mundo me presenteou mais uma vez com pessoas incríveis que chegaram na minha vida para acrescentar. Como o João Rangon, que é um dos únicos homens heteros que eu consigo abraçar e ter uma conversa tranquila, pelo ser iluminado e sem preconceitos que é. Um amigo que posso dizer que não tem problema de sexualidade frágil e me ensinou muito sobre o “mundinho heterossexual” em São Borja. As queridas “ovos mols”, que receberam esse apelido por estarem sempre juntas, me ensinaram sobre cuidado e o lado bom da vida universitária. Tudo aquilo que os anteriores passaram a mim eu fiz questão de passar a elas. Então Duda e Larissa, muito obrigado por aceitarem serem minhas protegidas, amo vocês imensamente e tenho orgulho da garra e persistência de vocês. A Nathi, que de uma parceira de reportagens acabou se tornando uma amiga incrível e engraçada, e mesmo que em alguns dias não estivesse para graça não deixava de fazer os outros rirem. Tua amizade foi importante para a realização desse trabalho e para a minha conclusão de curso, você será lembrada eternamente pela sua solidariedade, te amo. Agradeço também por acompanhar a

trajetória das minhas amigas Mari Erthal e Elis Regina, que eu tive a oportunidade de auxiliá-las e acompanhá-las por diversos processos, além da linda amizade que construímos. Ao Eric Dinat que nem fazia parte da unipampa mas tinha que estar sempre ouvindo as nossas reclamações diárias.

E gostaria de deixar um agradecimento mais do que especial para duas pessoas que sem dúvidas me acolheram no que eu posso chamar de momento mais perturbador que passei na cidade. Gustavo e Letícia foram mais do que amigos. Convivi pouco mais de três meses com ambos, mas foi uma convivência genuína e de um companheirismo inigualável, pessoas que me mostraram na simplicidade da vida o quão importante é tu dialogar e desabafar, deixar de ser apenas ouvinte e saber que tu também precisa falar. Obrigado mil vezes por me tirarem da tristeza e me apresentarem o carinho. Amo vocês e me orgulho demais de quem vocês são.

E nesses quase cinco anos morando em São Borja residi em sete lugares diferentes. Em todos aprendi algo da vida e da convivência. Morei com pessoas incríveis e que me lembrarei eternamente. Mas uma em especial se tornou minha amiga mais fiel e amorosa. Renata Carvalho, a “*rengonca*”, é simplesmente a pessoa mais incrível e pura que eu tive o prazer de conhecer nessa trajetória. Uma amiga que te acolhe como uma mãe e te dá bronca como uma mãe. É inspiração para mim e muitos outros, porque talento é uma coisa que ela tem para dar e distribuir. Assim como na faculdade, na nossa casita e no pampa news nunca deixamos o outro sem amparo, uma amizade que trouxe muito amadurecimento e vivências. Você, Renata, faz parte de todo o incentivo que tive para chegar até aqui, portanto mil vezes obrigado por ser você, te amo.

Também não posso esquecer o meu agradecimento pela cumplicidade e amizade de longa data dos meus amigos de Uruguaiana, Rafa, Thiago e Lidi, que se fizeram presentes em diversos momentos e me deram suporte nas horas mais complicadas que passei. É óbvio, a suas respectivas famílias que sempre me acolheram e me deram muito carinho e aconchego. Com vocês presentes durante esses anos eu jamais esqueci o quão bom era voltar a Uruguaiana e ter todo esse amor me esperando, fosse para me acolher com uma simples saidinha ou daquelas

de virar a noite. Amo vocês e a todos que me fizeram lembrar que um uruguaianense nunca está sozinho.

E nem só de pessoas se faz a minha trajetória por São Borja. Felizmente tive o prazer de me tornar pai de pet. Daquela que eu não imaginei que seria a minha salvação, tanto na pandemia quanto nos 4 anos que ficou ao meu lado. Agradeço a Gloria Maria, a gata/minha filha, por ser o meu maior ombro amigo, por saber de quando eu precisava de uma amassadinha de pão, de um ronronar ou até mesmo dela se arrumando pra dormir toda espaçosa debaixo das cobertas. Hoje sinto falta, mas é com alegria que revejo as mais de 2 mil fotos que tenho dela no meu celular. A glória foi uma filha, e quem discorda é porque não entende o papel de um filho na vida dos pais. E como ela era muito superprotetora comigo, ela fez questão de deixar duas cópias idênticas a ela para me ajudarem a finalizar aquilo que ela iniciou. O Percival e o Pedrinho, meus netos/filhos, chegaram no momento mais complicado e conseguiram me deixar o mais tranquilo possível. O Perci com toda a sua carência me deu carinho nos dias que mais precisei. Amo vocês, e vou guardar esse carinho felino para todo o sempre.

A minha gratidão vai também a todo corpo docente do curso e a todos os servidores da instituição. Em especial a minha orientadora, Sara Feitosa, que me ajudou a dar vida a esse projeto e me incentivou a acreditar no meu potencial. Saiba que a tua dedicação e competência foram e seguem sendo inspiração. Agradeço também a minha banca, que me inspiraram muito durante a graduação. A Profe Alciane, além de ser uma pessoa incrível, é uma professora completamente sensível e compreensível com alunos e professores. Portanto, quando o docente ama o que faz o aprendizado se torna algo prazeroso. E a professora Carmen, que aceitou contribuir com o projeto.

E sem dúvidas eu não poderia deixar de agradecer aqueles que sempre foram o meu pilar, e que durante a graduação não deixaram eu desistir. A minha mãe e o meu pai, eu sei que toda a gratidão do mundo jamais será suficiente. Eu reconheço todo o esforço e todas as batalhas deles em criar e dar ao mundo 6 filhos, cada um com seu propósito. Um casal que tem suas dificuldades como qualquer outro, mas que com o amor de 6 filhos nunca deixou se abalar. Eu honro vocês, eu me orgulho de vocês e eu prometo amar vocês até o último dia. E como

dizem, por trás de toda pessoa incrível há uma mãe. Meus pais tiveram a honra de serem criados por mulheres batalhadoras. Vó Ramona e Vó Santa, sou grato demais pela trajetória de vocês, e me inspiro demais na juventude e velhice de ambas. Saibam que honrarei demais essas trajetórias lindas que eu tive o enorme prazer de conhecer.

## RESUMO

O documentário “Travessia” é um produto desenvolvido como Projeto Experimental de Trabalho de Conclusão de Curso, no curso de jornalismo da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Este trabalho tem como tema as vivências de pessoas trans que nasceram/vivem na região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Além de produzir um documentário expositivo, tem como objetivo geral refletir a relação de imagem e representatividade de pessoas trans na região da fronteira oeste. E o produto se justifica por contribuir para uma maior visibilidade às pautas sociais e conquistas de pessoas trans. De acordo com Ramos (2008) e Nichols (1999), o documentário é uma representação da realidade de um contexto social específico ou até mesmo de uma pessoa. E é a partir de Nichols (1999) que concluo que o documentário realizado se tipifica como expositivo: dirigindo-se ao espectador diretamente, com vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam uma história. Assim como propõe Puccini (2007), divido o processo de produção em três etapas (pré-produção, produção e pós-produção). Também utilizo de um ensaio fotográfico para experimentar o argumento de Puccini (2007) sobre a escolha do local e empoderar esses corpos. E a partir delas chego a um documentário de 17 minutos, que traz três personagens que moram na cidade de São Borja e contam sobre suas vivências no estúdio de fotografia da universidade, utilizando a rede social TikTok para sua divulgação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Documentário; Ensaio fotográfico; Corpos Trans; Visibilidade; Vivências.

## **ABSTRACT**

The documentary "Travessia" is a product developed as an Experimental Project for the conclusion of a journalism course at the Federal University of Pampa (UNIPAMPA). This work focuses on the experiences of transgender individuals who were born or live in the western border region of Rio Grande do Sul. In addition to creating an expositional documentary, its overall objective is to reflect on the image and representativity of transgender people in the western border region. The rationale for this project is its contribution to increasing visibility for the social issues and achievements of transgender individuals. According to Ramos (2008) and Nichols (1999), a documentary serves as a representation of the reality of a specific social context or even an individual. Building upon Nichols (1999), I conclude that the documentary in question falls under the category of expositional, addressing the viewer directly, featuring voices that present a perspective, articulate an argument, or recount a story. Following Puccini's (2007) suggestion, I divide the production process into three stages (pre-production, production, and post-production). Additionally, I employ a photographic essay to experiment with Puccini's (2007) argument regarding the choice of location and to empower these bodies. From these stages, I arrive at a 17-minute documentary featuring three characters residing in the city of São Borja. They share their experiences in the university's photography studio, utilizing the TikTok social network for dissemination.

**KEYWORDS:** Documentary; Photographic essay; Trans Bodies; Visibility; Experiences

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Esboço I da identidade visual.....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 2 - Esboço II da identidade visual.....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 3 - Esboço III da identidade visual.....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 4 - Esboço IV da identidade visual.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 5 - Esboço V da identidade visual.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 6 - Sugestão I.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 7 - Sugestão II.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 8: Identidade visual definitiva.....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 9: Capa do documentário.....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 10: GC presente no documentário.....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 11: Perfil do Youtube.....</b>	<b>41</b>
<b>Figura 12: Perfil do TikTok.....</b>	<b>41</b>

## **LISTA DE SIGLAS**

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais;

BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações;

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia;

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e transexuais;

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais e mais;

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexual, Não-binaries e mais;

LN-B - Linguagem Neutra ou Não-binarie.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
1.1 OBJETIVOS.....	16
1.2 JUSTIFICATIVA.....	16
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>19</b>
2.1 CORPOS TRANS.....	19
2.2 GÊNERO.....	21
2.3 CULTURA QUEER.....	23
2.4 DOCUMENTÁRIO.....	25
<b>3. METODOLOGIA APLICADA.....</b>	<b>26</b>
3.1 FASES DE PRODUÇÃO.....	26
3.1.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	27
3.1.2 PRODUÇÃO.....	28
3.1.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	28
3.2 ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADA.....	29
3.3 FONTES.....	30
<b>4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....</b>	<b>31</b>
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	32
4.2 PRODUÇÃO.....	37
4.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	39
<b>5. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO.....</b>	<b>42</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>47</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O tema do presente projeto tem enfoque na experiência de vida de pessoas trans que vivem na região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Corpos esses que estão hoje no topo da mortalidade do país. E o produto que realizei para este projeto é um documentário<sup>1</sup>, juntamente com um ensaio fotográfico, que uso como meio de abrir conversas sobre as vivências e resistências que essas pessoas enfrentam no cotidiano. O documentário tem como título “Travessia”, termo inspirado em um texto de Paul Preciado, publicado em 2019 no jornal El País, que relaciona o reconhecimento de gênero como uma fronteira que as pessoas trans atravessam. O mesmo tem a sua divulgação na mídia social tiktok, para uma maior visibilidade ao tema.

### 1.1 OBJETIVOS

Produzir um documentário expositivo, para refletir a relação de imagem e representatividade de pessoas trans na região da fronteira oeste, como objetivo geral. **OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS SÃO:** Realizar uma pesquisa bibliográfica sobre corpos trans; Problematizar a prática jornalística na forma de abordar corpos trans sempre a partir do viés da violência.

### 1.2 JUSTIFICATIVA

O produto desenvolvido busca contribuir com a comunidade trans de forma a colaborar para a visibilidade social dos desafios e conquistas das pessoas trans. Pautar a visibilidade para estas temáticas é também uma justificativa para a realização deste trabalho.

O estado da arte, para início das atividades deste Projeto Experimental, se deu através da busca de palavras-chave nas plataformas de pesquisas acadêmicas como o google acadêmico, repositório da biblioteca da Unipampa e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). As palavras-chave que apliquei na busca foram: **CORPOS TRANS, TEORIA *queer* e IDENTIDADE DE GÊNERO.**

---

<sup>1</sup> Link de acesso ao produto:

<https://drive.google.com/file/d/1PEGHblepzNsgVv4pDM-pbztGEWMhI7V3/view?usp=drivesdk>

Na busca da palavra-chave “**CORPOS TRANS**”, no google acadêmico encontrei o resultado de 99.200 artigos, 526 no BDTD e 329 no repositório da Unipampa. Para “**TEORIA queer**” foram 46.300 no google acadêmico, 1.023 no BDTD e 36 no repositório; e para o termo “**IDENTIDADE DE GÊNERO**” 42.900 encontrados no google acadêmico, 5.041 no BDTD e 1.212 na biblioteca da unipampa.

Pelo grande número de artigos, teses e dissertações encontradas sobre os termos, foi necessário aplicar filtros nas buscas. Priorizando pesquisas em português, publicadas entre 2020 e 2022, que tivessem ligação com a área da comunicação ou que apresentem as palavras-chave no título.

Após a filtragem, selecionei e separei três artigos e cinco teses/dissertações que poderão ser usados como base para a pesquisa. Para a palavra-chave “**CORPOS TRANS**” selecionei a dissertação defendida por Daniele dos Santos Francisco, *Trans (bordando) trajetórias de vidas: Corpos invisíveis, Potencialidades e Resistências de Pessoas Trans*, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR); A dissertação de Sidney Leandro de Oliveira, *Corpos dissidentes na encruzilhada: o encontro poético com mulheres trans, travestis e profissionais do sexo*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Dança, da Escola de dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA); E o artigo de Cláudia Regina Ribeiro, Andrea Felizardo Ahmad, Beatriz Selles Dantas e Adriana Lemos, *Masculinidades em construção, corpos em (re)construção: desejos, contradições e ambiguidades de homens trans no processo transexualizador*, publicado na Revista Ciência e Saúde Coletiva

Para a palavra-chave “**TEORIA queer**” usarei os artigos de Kris Herik de Oliveira, *Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria queer*, publicado no periódico Revista Estudos Feministas; E o artigo de Stephanie Dennison, *Cultura cinematográfica e identidades queer no Brasil contemporâneo*, publicado na Revista Cadernos Pagu.

Para “**IDENTIDADE DE GÊNERO**”: selecionei a dissertação de Francisco Cleiton Vieira Silva de Rigo, *Viver e esperar viver: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans*, defendido no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN);

também a tese apresentada por Arthur Leonardo Costa, Famílias em transição: uma etnografia sobre relacionalidade, gênero e identidade nas vidas trans, no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); e o e-book de Jaqueline Gomes de Jesus, orientações sobre identidade de gênero;

Na busca de referencial sobre **DOCUMENTÁRIO**, uso os livros de Sérgio Puccini “Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção”, “Introdução ao documentário” de Bill Nichols e “Mas afinal... o que é documentário?” de Fernão Ramos.

Além das buscas acadêmicas, houve também uma busca por produções audiovisuais que tivessem ligação com o tema e com o produto a ser realizado. As plataformas em que busquei são a HBO Max e a Netflix. Na HBO encontro três documentários, mas um será usado como referência e inspiração. Este documentário é o “**QUANDO EU DESCOBRI**” (2008), de Randy Barbato e Fenton Bailey. Sua narrativa relembra a história de homens e mulheres do primeiro momento em que descobriram que eram homossexuais<sup>2</sup>. Levando em conta o humor e a leveza na hora de contar os relatos. Na netflix encontrei mais dois documentários. Portanto farei o uso do “**TRANSVERSAIS**” (2021), de Émerson Maranhão, que conta a história de pessoas trans que vivem no estado do Ceará e que se encontram em diferentes contextos, origens e classes sociais.

Segundo Santaella existem três tipos de contribuição que justificam a realização de uma pesquisa, sendo elas a de ordem científico-teórica, a de ordem científico-prática e a de **ORDEM SOCIAL**. E para este trabalho a justificativa de ordem social é a que melhor se aplica por “estar voltado para a reflexão e debate em torno de problemas sociais ou quando um conhecimento prático é buscado como meio de intervenção na realidade social” (Santaella 2001, p 174).

Além do interesse pessoal pelo tema e por interesse em ter um produto audiovisual voltado a pessoas trans, busco também usar de artifícios que sinto afinidade no jornalismo, como a fotografia.

---

<sup>2</sup> Embora o tema deste documentário não seja relacionado a transexuais, ainda assim aborda a vivência de pessoas LGBTQs e trata do tema de orientação sexual fora da regra heteronormativa.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 CORPOS TRANS

Segundo o Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), o Brasil segue sendo o país que mais mata pessoas trans e travestis. No ano de 2022, 131 pessoas trans e travestis foram assassinadas em decorrência do preconceito, discriminação de raça e gênero, e outras 20 tiraram a própria vida. Segundo Bruna Benevides, autora do dossiê, as pessoas trans convivem diariamente com medo de serem violentadas em qualquer espaço. Exatamente por estarem mais expostas a discriminação e a violência. Violências motivadas pelo discurso de ódio e incentivo a aniquilação de suas existências (Benevides, 2023).

Nos 14 anos em que o Brasil está no topo do ranking, foram mais de 1.741 casos, dados do *Trans Murder Monitoring* (monitoramento de assassinatos de pessoas trans, em tradução livre). Revelando que é um país conservador, o Brasil é guiado por uma heteronormatividade tóxica, que põe em risco e condena esses corpos. No entanto, na intimidade, consome pornografia com corpos trans, fazendo com que o país lidere o ranking de consumo de pornografia trans, que anualmente é publicado pelos maiores sites pornôns do mundo, através de um relatório com as categorias mais acessadas pelos seus usuários, detalhando palavras-chave, celebridades, fetiches e tendências mais buscadas em cada país do top 20. Esses dados revelam que o país que mais mata, é também o que mais deseja esses corpos, na hipocrisia da sua origem, vivendo uma relação de desejo e ódio.

A heteronormatividade dita às regras dos corpos há séculos no mundo e quem as rompe erigi um novo olhar para a questão, no entanto são alvos de opressão e exclusão por este pensamento opressor da dominação normativa cis/heterossexual (Francisco, 2020, p.23).

Segundo o que é socialmente estabelecido, por meio de uma perspectiva biologicista, há duas possibilidades de divisão das pessoas em relação à anatomia sexual humana: feminino/fêmea ou masculino/macho. Havendo então uma hegemonia do gênero e da sexualidade, definindo uma coerência “natural” e “inerente” entre sexo-gênero e sexualidade, ou seja, cada sexo só poderia interessar-se pelo sexo oposto (Petry; Meyer, 2011, apud Francisco, Daniele, 2020).

Para a maioria dos médicos, a designação de um corpo sexual como de "mulher" ou de "homem" é definida geneticamente, sendo pessoas nascidas com cromossomos XX, geneticamente feminina, enquanto as nascidas com cromossomos XY, geneticamente masculina (Preciado, 2014, apud Francisco, 2020, p.20).

É nessas percepções estereotipadas que os corpos trans acabam se sujeitando a marginalização e inferioridade perante aos corpos “biologicamente aceitos”. “A transgeneridade é considerada um fenômeno complexo, caracteriza-se pelo sentimento intenso de não pertencimento ao sexo anatômico, sem a manifestação de distúrbios delirantes e bases orgânicas” (Castel, 2001, apud Francisco, 2020, p. 25).

Mas precisamos compreender que transexuais são pessoas, em diferentes contextos sociais e culturais, que passam pelo conflito com o gênero com que foram designadas ao nascer e na maior parte da sua existência social, tem que reafirmar sua orientação. Para se aproximar cada vez mais da cisnormatividade<sup>3</sup> imposta socialmente, recursos químicos ou cirúrgicos se tornam uma solução. Segundo os conceitos butlerianos, esses corpos não apenas “sofrem” a ação da história e da cultura, mas se transformam para se adequarem e passarem a caminhar dentro da cultura, ao mesmo tempo em que ao existirem borram suas fronteiras com a natureza (Butler, 2015, apud Ribeiro, et al, 2022).

Essas medidas para “passar despercebido” é caracterizada como passabilidade, que significa ter um corpo que permita certa invisibilidade social, que traz satisfação pessoal, mais segurança e oportunidades no mercado amoroso e profissional, o que um corpo menos “adequado à norma” talvez não permitisse.

Além da construção da sexualidade e da diferenciação do que é ser homem e mulher, precisa-se entender que a sexualidade existe em diferentes níveis de importância para cada pessoa. Na nossa sociedade o gênero é um conceito que apresenta a construção social coletiva das singularidades da feminilidade e masculinidade como “papéis sexuais”, sendo apenas performatividade e regulação. (Francisco, 2020).

---

<sup>3</sup> a cisnormatividade é uma segmentação da binariedade, onde os indivíduos cis são considerados normais e os trans uma exceção.

## 2.2 GÊNERO

A conceituação de gênero tem início junto aos movimentos sociais ligados ao feminismo do século XX. Aparece primeiramente entre as feministas americanas que insistiam na qualidade fundamentada nas distinções do sexo. A palavra era a representação de “uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou diferença sexual. O 'gênero' sublinhava também o aspecto das definições das normativas de feminilidade”. (Scott , 1995, apud Rego, 2015, p. 59).

Cada um(a) de nós é uma pessoa única, que porém tem características comuns a toda a humanidade. Elas nos identificam com alguns e nos tornam diferentes de outros, como a região em que nascemos e crescemos, nossa raça, classe social, se temos ou não uma religião, idade, nossas habilidades físicas, entre outras que marcam a diversidade humana. (Jesus, 2012, p.7).

As questões de gênero são facilmente confundidas e usadas como referência ao sexo biológico. Mas gênero, diz respeito aos aspectos sociais atribuídos ao sexo, vinculado a construções sociais e não a características biológicas.

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído. (Butler, 2018, p. 21).

Butler (2018) ainda se refere ao gênero como um status construído e teorizado como algo radicalmente independente do sexo, se tornando um artifício flutuante, onde o homem e masculino podem significar tanto um corpo feminino como masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino. Assim como para Jesus (2012) o que importa, na definição do gênero, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente.

Como gênero (a forma de se identificar e ser identificada) se difere de orientação sexual (atração afetivossexual por alguém), podemos afirmar que nem

toda pessoa cisgênero<sup>4</sup> é heterossexual e que nem toda pessoa transgênero é homossexual, apesar de serem identificados como membros do mesmo grupo político, o de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT (Jesus, 2012). Porque se uma mulher-trans tem atração sexual por um homem cis, ela é identificada como uma pessoa heterossexual(que sente atração por pessoas do gênero oposto). E se um homem cisgênero sente atração por um homem trans, ela se caracterizará como homossexual (que sente atração por pessoas do mesmo gênero). Portanto, a orientação sexual leva em conta os desejos e atrações de uma pessoa. Na maioria das vezes uma pessoa trans é definida pelo órgão genital, gerando um desconforto e situações constrangedoras, fazendo com que a reprodução de transfobia ocorra até nas relações.

Preciado (2019), relaciona a transição de gênero e de sexo como uma migração geográfica, “a mudança de sexo e a migração são as duas práticas de travessia que, [...] situam um corpo humano vivo nos limites da cidadania e até do que entendemos por humanidade” (Preciado, 2019, s/p). Ele ainda afirma que esse processo de redesignação de gênero, na sociedade que sempre viveu sobre o binarismo sexual, acaba se tornando a mais violenta das fronteiras políticas inventadas pela humanidade, pois jamais farão parte dos espaços sociais, trabalhistas, afetivos, econômicos e gestacionais que estão segmentados em termos de masculinidade ou feminilidade. (Preciado, 2019).

Assim como a distinção da orientação sexual de pessoas trans, a relação dos pronomes de tratamento também é outro fator que gera uma dificuldade no entendimento desses corpos, pela existência da cisnormatividade enraizada. Consequentemente, dificultando na hora de se auto aceitar. “As pessoas transgênero devem ser tratadas de acordo com o gênero com o qual se identificam” (Jesus, 2012, p.23).

Normalmente é dito que pessoas que se identificam como homens, sejam tratadas no masculino (o/ele/dele) e pessoas que se identificam como mulheres tratadas no feminino (a/ela/dela). Portanto, além do “convencional”, há pessoas

---

<sup>4</sup>Cisgênero é o termo usado para o indivíduo que se identifica (se vê) com todos os aspectos relacionados ao seu gênero de nascença.

trans que se identificam como não-bináries<sup>5</sup> ou *gender fluid*, que são consideradas pessoas que não se identificam com nenhum dos gêneros ou transitam entre feminino e masculino. Para isso, foi criada a Linguagem Neutra ou Não-Binária (LN-B), que é uma adaptação do Português Brasileiro de caráter político-social, como forma de incluir esse grupo nas pautas sociais. “Essa linguagem busca tanto a diminuição do machismo no discurso quanto o reconhecimento de pessoas não-binárias, as quais não se identificam com a binaridade de gênero” (Mokwa, 2019, apud, Miranda, 2020,p.4).

Atualmente, há diversas possibilidades de pronomes. Como, por exemplo, o chamado “pronome neutro” que usa-se *elu*, *delu*, *éli*, *déli*, entre outros. Por ser uma terminação atual, que tem evoluído junto com os estudos de gênero, não há um consenso sobre quais formas devem ser utilizadas ou se deve haver apenas uma opção.

Segundo Butler (2003) o gênero não é um substantivo ou um conjunto de atributos flutuantes, “vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero”(Butler, 2003, apud Oliveira, 2020, p.7). É a partir desta variação na performatividade do gênero que nascem os conceitos e estudos da teoria *queer*.

### 2.3 CULTURA QUEER

Em um primeiro momento, *queer* (do termo inglês) era usado como referência a algo ou alguém estranho, que se deslocava do resto da sociedade. Posteriormente é utilizado com conotação negativa e agressiva contra pessoas que não se encaixavam no padrão binário e até mesmo de orientação sexual. E para a identificação desses corpos, no Brasil, usava-se xingamentos como ‘bicha’, ‘sapatão’, ‘marica’, ‘traveco’. “Na segunda metade do século passado, o *queer* foi ressignificado gradualmente, impulsionado pelo ativismo LGBTQIA+ em contraposição ao imaginário de anormalidade”. (Oliveira, 2020, p.2)

Segundo Halperin (2003), os estudos de cultura *queer* iniciam na busca de “desestabilizar a homogeneização dos estudos gays e lésbicos, isto é, questionar o consenso de que homossexuais e lésbicas compartilhavam experiências comuns e

---

<sup>5</sup>Adoto a linguagem não binária ou neutre, em vista de contemplar pessoas que se identificam fora dos gêneros binários (homem/mulher, masculino/feminino).

que por isso os estudos dessas ‘identidades’ deveriam caminhar juntos” (Oliveira, 2020, p.3, grifo do autor). A partir daí, fazendo com que surgissem reflexões sobre as diversidades do gênero e sexualidade, problematizando os fundamentos heterossexuais e cis.

Portanto, a teoria *queer* se mostra como fundamental para o florescimento de estudos transgêneros, apoiando as expressões não normativas de gênero e sexualidade. A teoria também subscreveu uma série de críticas teóricas cruciais sobre violências com pessoas trans, trazendo à tona a violência que LGBTs sofrem diariamente. Além disso, redefiniu a construção do tratamento com essas pessoas, para lésbica, gay, bissexual e transgênero.

Segundo Foucault (1999), esses estudos colaboram também para considerar a sexualidade como algo além de um conhecimento específico, pois envolve artefatos econômicos ou ideológicos como produtores de mecanismos de proibição. Mostrando que não é só pessoas que vivem nesse contexto, LGBT, que precisam aprender sobre, mas sim o território/ambiente/local e estratégias sociais.

procurar o jogo de forças e suas modificações em vez de buscar quem tem o poder na ordem da sexualidade (os homens, os adultos, os pais, os médicos) e quem é privado de poder (as mulheres, os adolescentes, as crianças, os doentes etc.), tampouco quem tem o direito de saber sobre a sexualidade, ou é mantido à força na ignorância. (Oliveira, 2020, p.3)

Segundo Preciado, o *queer* se localiza no rompimento dos fluxos performativos cis-heteronormativos, estão não somente na diferença sexual, mas em uma multidão de diferenças, mostrando uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida. (Preciado, 2011, apud Oliveira, 2020).

É a partir dos estudos da teoria *queer*, que os conceitos de *Drag queen* e travesti se diferenciam. No qual a *drag queen* apresenta uma dissonância entre sexo e performance, e também entre sexo e gênero, e entre gênero e performance. E a travesti, embora represente a imagem de uma mulher, também desloca aspectos de gênero falsamente naturalizados por meio de regulações heterossexuais.

Butler sugere que travestis e drag queens são os rastros empíricos que subvertem o modelo de (identidade de) gênero postulado como verdadeiro ao mesmo tempo que afirmam descontinuidades entre prazeres sexuais e partes corporais (Oliveira, 2020, p.8).

No entanto, Preciado questiona algo além da performance. Para ele há algo que está além da esfera biológica e de afetos. O gênero é como um princípio organizador que leva ao surgimento de técnicas, saberes e instituições. No qual a produção performativa questiona os níveis mais profundos do corpo, como os órgãos, as células, os genes e o desejo. (Oliveira, 2020).

## 2.4 DOCUMENTÁRIO

O documentário surge na junção de características do jornalismo e do cinema. De acordo com Ramos (2008) e Nichols (1999), o documentário é uma representação da realidade de um contexto social específico ou até mesmo de uma pessoa. Originado a partir das ideias do cinema (muitos documentários ainda mantêm algumas características fictícias), ele segue uma narrativa com início, meio e fim.

O documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmeras, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas). para as quais olhamos (nós espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior. seja este mundo coisa ou pessoa. (Ramos, 2008, p.2).

No início do século XX, o documentário foi proposto como uma narrativa cinematográfica com investimentos estatais. Segundo Grierson, o próprio estado produzia a narrativa em relação aos interesses de educar as massas, propagandeando não só os produtos e a indústria britânica, mas também a possibilidade de um liberalismo de massa.

No Brasil, a proposta da narrativa documental com as atualidades se intensifica a partir dos anos 1920, com a criação dos cinejornais, que são programas noticiosos transmitidos no próprio cinema antes do filme de ficção.

Nos anos 30 o governo getulista investe fortemente no Cine Jornal Brasileiro, que faz o papel de órgão oficial do regime. O espaço dos cinejornais na programação cinematográfica continua até quase o final do século XX, sendo sua presença parte da memória de qualquer frequentador (*sic*) de cinema com um pouco mais de idade. (Ramos, 2008, p 36)

E conforme o documentário foi se aprimorando, ele começa a se distanciar das produções ficcionais e se aproxima mais da realidade, ou facticidade, como diz Ramos (2008). Até passar a ser confundido com a reportagem, que “é uma narrativa que enuncia asserções sobre o mundo, mas que, diferentemente do documentário, é veiculada dentro de um programa televisivo que chamamos telejornal.” (Ramos, 2008, p.37).

Para Ramos, apesar da semelhança com a reportagem, o documentário carrega algumas características únicas, como por exemplo o verniz artístico do enunciar asserções sobre o mundo através de imagens e sons, a maneira em que a câmera e a voz representam algo a mais no contexto da narrativa. E mesmo sabendo que o telejornal tenha características semelhantes, Ramos(2008) diz que pela sucessão de notícias, não há propriamente uma narrativa que articule sua unidade no todo. Ao contrário do documentário, que não está vinculado a acontecimentos cotidianos de dimensão social que denominamos notícia, e todo o seu eixo está ligado do início ao fim.

A metodologia aplicada é baseada em documentário, através de Puccini(2007) e Nichols (1999), explorando mais sobre o gênero e suas funções.

### **3. METODOLOGIA APLICADA**

A metodologia aplicada será apresentada em quatro tópicos para uma melhor organização e compreensão das etapas. Divido os tópicos em fases de produção, roteiro de entrevistas, fontes e pesquisa bibliográfica.

#### **3.1 FASES DE PRODUÇÃO**

Início o projeto na busca pelas fontes, que são pessoas trans que nasceram/vivem na região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Para então realizar um documentário. De acordo com Bill Nichols (1999), o gênero documentário divide-se nos seguintes modos de representação: poético, expositivo, participativo, observacional, reflexivo e performático. E para muitos o documentário busca, ou tem como objetivo, estabelecer uma representação do mundo (Ramos, 2007).

Para Nichols (1999), esses seis modos de fazer documentário “funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura a todo filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização”. Portanto o produto proposto por este projeto experimental tem majoritariamente traços de **DOCUMENTÁRIO EXPOSITIVO**. “O modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história” (Nichols, 1999. p 142).

Para compreender a montagem do documentário recorro a Puccini (2007), que inicia dizendo que o “documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas” (Puccini, 2007, p.20). E são essas escolhas que me levam a uma série de recortes, entre a concepção da ideia até a parte da edição final do filme.

Essas etapas se diferenciam em **PRÉ-PRODUÇÃO**, fase em que se dá o surgimento da ideia, a pesquisa, a busca pelas fontes e um primeiro pré-roteiro de entrevistas; seguida de **PRODUÇÃO**, com as entrevistas e filmagens, que segundo Puccini:

entre entrevistas filmadas em estúdio e filmagens em locações externas de eventos autônomos, cada uma dessas situações possíveis exige diferentes métodos de planejamento que vão desde o trabalho guiado por um roteiro técnico fechado, com todas as descrições dos planos a serem filmados (Puccini, 2007, p.137);

A **PÓS-PRODUÇÃO**, que é a etapa em que ocorre a finalização do projeto, com a edição, divulgação e distribuição, “é nessa parte do cronograma de produção do filme, que roteiro e montagem representam o ponto de união que encerra um ciclo de gestação” (Puccini, 2007, p. 23).

### 3.1.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Nesta etapa de pré-produção, segundo Puccini, se estabelece o tema e em seguida se inicia a pesquisa, que “servirá para aprofundar o conhecimento sobre o assunto se certificando da quantidade e qualidade de material visual e textual disponível para o filme” (Puccini, 2007, p.85). Seguida da criação de um pré-roteiro, que para Puccini (2007) nem todo documentário necessita ter. Posteriormente ir

atrás de fontes e referências/inspirações, produzir o roteiro de entrevistas, é aqui também que se define a abordagem do documentário e organização da pauta.

### **3.1.2 PRODUÇÃO**

Na fase de produção ocorre as entrevistas, que segundo Puccini (2007), é o elemento único do documentário, e toda a composição visual fica submetida à situação de entrevista, às imagens obtidas por enquadramentos com câmera fixa (na maioria das tomadas). Para este Projeto Experimental é na fase de produção que realizo um ensaio fotográfico, para uma melhor performance na hora de entrevistar as fontes, com o objetivo de ouvir relatos de suas vivências. Puccini (2007) argumenta que o ambiente de estúdio pode ser intimidador porque “a escolha do local da entrevista, se estúdio ou locação, se ambientes internos ou externos, pode ser determinante no comportamento do entrevistado diante das câmeras”. No entanto, para este trabalho, foi possível experimentar o ensaio fotográfico como uma estratégia de descontrair as pessoas entrevistadas para o documentário. A escolha por realizar as entrevistas em estúdio considera ainda o que Puccini apresenta como característica de entrevistas de estúdio como “um ambiente neutro, que pode ser explorado pelo documentarista para igualar as condições de todos os entrevistados e dar um tratamento visual igualitário às entrevistas” (Puccini, 2007, p.141).

Desse modo, observando o que propõe Puccini, as entrevistas ocorreram no laboratório de fotografia da UNIPAMPA, realizadas uma em cada dia, durante o mês de Agosto e Setembro de 2023. As roupas usadas para o ensaio foram de escolhas das fontes, como uma forma de representar o estilo das mesmas, sem interferência do produtor. Nesta produção não realizei uma pré-entrevista, Puccini (2007) alerta que a realização de pré-entrevista pode conduzir a fonte a encenar quando ocorrer as entrevistas, já que uma vez ao saber as perguntas, o entrevistado pode acabar encenando.

### **3.1.3 PÓS-PRODUÇÃO**

Na pós-produção o produto começa a tomar forma. Aqui começo primeiramente com a decupagem, o roteiro de edição que para Puccini “é o que

orientará a montagem e trará um primeiro resultado, e também contribui para definir a estrutura do documentário” (Puccini, 2007, p.191). Além também dos tratamentos de imagens necessários e a edição, que segundo Puccini a pós-produção ou montagem

(...) é o momento em que a articulação das sequências do filme, entre entrevistas, depoimentos, tomadas em locação, imagens de arquivo, entre outras imagens colocadas à disposição do repertório expressivo do documentarista, em consonância com o som, trará o sentido ao filme. (Puccini, 2007, p.21).

Ficando assim para o final a divulgação do ensaio fotográfico disponibilizado nas plataformas digitais, que segundo Recuero (2019) é uma atualização de redes sociais, pois esse conceito pode abarcar todo o tipo de plataforma de interação ou comunicação digital. Portanto, a mesma foi criada no segundo semestre de 2023, na intenção de divulgar o documentário e ocupar os espaços midiáticos com a representação de corpos trans que vivem no sul do país. A plataforma utilizada para divulgação do projeto é o Tiktok, aplicativo de entretenimento, com vídeos curtos de até 3 minutos, lançado na China em setembro de 2016. Após a divulgação, o documentário tem como meio de veiculação o Youtube.

As plataformas escolhidas representam hoje as mídias mais usadas pelos brasileiros, segundo o Comscore, empresa de análise de mídia. O YouTube, com 12,22 horas mensais e o TikTok, com 9,27 horas.

### **3.2 ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADA**

O roteiro de uma entrevista semi-estruturada serve para dar uma estrutura para a entrevista e não para seguir a risca cada detalhe, segundo Britten:

As entrevistas semi-estruturadas são conduzidas com base em uma estrutura flexível, consistindo em questões abertas que definem a área a ser explorada, pelo menos inicialmente, e a partir da qual o entrevistador ou a pessoa entrevistada podem divergir a fim de prosseguir com uma idéia ou resposta em maiores detalhes. (Britten, 2005. p.24).

E ao contrário de uma entrevista estruturada, em que todas as perguntas são formuladas de antemão e feitas na mesma ordem para todos os convidados, uma entrevista semi-estruturada permite uma interação entre o entrevistador e o entrevistado. O entrevistador pode adaptar as perguntas às respostas e aos

interesses específicos do entrevistado, buscando obter informações mais ricas e específicas sobre o assunto em questão.

Além de influir no comportamento do entrevistado e da captação da imagem, Puccini (2007) diz que a filmagem em estúdio cria um ambiente neutro, como dito antes, mas também facilita o trabalho de iluminação e captação de som. Portanto, a escolha do estúdio me ajuda na filmagem das entrevistas e também no ensaio fotográfico, que uso como experimento com as fontes. Tornando o estúdio de fotografia o ambiente principal do meu produto.

Para seguir o que fala Britten (2005), defino algumas perguntas direcionadas às fontes, lembrando que em um roteiro semi-estruturado as perguntas não são direcionadas a todas as fontes e não significa que não terá perguntas além dessas. (Britten, 2005).

1 - Qual foi o momento em que você se reconheceu como homem/mulher/não-binário? e como foi essa trajetória de travessia de um gênero para o outro?

2 - Arthur Novo, autor antropólogo que uso na minha pesquisa, defende a ideia de que a família também transiciona, levando em conta o apoio e as transições políticas e sociais. E para você, como é a sua relação com a sua família?

3 - Conte como foi a escolha do nome social e sobre o momento que adquiriu.

4 - Qual é o teu maior sonho?

5 - O que é ser Trans/não-binário?

6 - Paul Preciado, filósofo transgênero, relaciona o reconhecimento de gênero com uma fronteira territorial, porque para ele “a mudança de gênero e a migração são duas práticas de travessia”. Como você relaciona a sua vivência na fronteira oeste?

7 - Para você, de que forma a comunidade trans é representada na mídia?

8 - O que você diria para uma pessoa que não entende a tua existência?

### 3.3 FONTES

Os/as personagens escolhidos representam (usualmente) as três cores da bandeira do movimento trans: Azul claro (homem-trans), Rosa claro (mulher-trans) e branco (não-binária).

**MONIQUE DAMASCENA** - Trans não-binária<sup>6</sup> - 38 anos - bissexual - sãoborjense

**MATHEUS HENRIQUE** - Homem trans - 22 anos - hetero - santamariense

**RAFA ELLA BRITES** - Mulher trans - 26 anos - bissexual - sãoborjense

### 3.4 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Este trabalho tem início na pesquisa científica de diversos autores sobre os temas que abordo na produção do documentário. E dentro da pesquisa científica há algumas modalidades, sendo uma delas a pesquisa bibliográfica, que se baseia no trabalho, “que ocorre através da busca de obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada” (Sousa, A.; Saramago, G.; Alves, L. 2021, p.2). A pesquisa bibliográfica é importante para constituir a base de auxílio no início e no decorrer do trabalho.

Segundo Amaral (2007) essa parte da pesquisa é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influencia todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que dá o embasamento teórico em que se baseia o trabalho. Consiste também no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (Amaral, 2007, p.1). Lakatos e Marconi (2003, p. 183) advertem que “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

---

<sup>6</sup> Aqui trato a fonte utilizando a linguagem neutra, de acordo com o gênero que a mesma se identifica, ou seja, o gênero fluido.

## 4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Para uma melhor compreensão, esse tópico será dividido em três sessões que mostram os conceitos estudados e aplicados para a realização e entendimento do produto.

### 4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A pré-produção iniciou a partir da elaboração do estado da arte, realizada pelo BDTD, do Ibict, google acadêmico e repositório da Unipampa, com uma pesquisa exploratória principalmente para identificar trabalhos científicos que problematizam a maneira que a comunidade trans é representada pela mídia, seja em produtos midiáticos ou jornalísticos. Com o pouco de visibilidade na mídia, resolvo então partir para um produto do tipo documentário, que mostra a vivência dessas pessoas na região da fronteira oeste, focando na vida e trajetória.

Os personagens foram escolhidos de forma a representar as três cores da bandeira do movimento trans: Azul claro (homem-trans), Rosa claro (mulher-trans) e branco (não-binário). E ainda na pré-produção, foram feitos ensaios fotográficos com pessoas aleatórias. Estes ensaios foram realizados com objetivo de testar filtros, iluminação, direção de arte, design e temática dos ensaios. Esta etapa também colaborou na escolha dos equipamentos usados nos ensaios e nas gravações das entrevistas.

A escolha do título do trabalho, Travessia, surgiu através de um texto de Paul Preciado, que é um filósofo transgênero, publicado no jornal digital El País, intitulado "Ser trans é cruzar uma fronteira política". Neste texto o autor relaciona o reconhecimento de gênero como uma fronteira, "A mudança de sexo e a migração são as duas práticas de cruzamento que situam o corpo nos limites da cidadania." (Preciado, 2019, s/p). E essas duas viagens, vão para além do deslocamento geográfico, linguístico ou corporal, é a transformação radical não só do viajante, mas também da comunidade humana que o acolhe ou rejeita (Preciado, 2019). Portanto, faço a escolha do título pela proximidade com a realidade de pessoas trans que moram na fronteira oeste. Relação essa que elas pouco percebem. Mas ao relacionar as vivências da sociedade fronteiriça com as de pessoas trans, fica mais fácil a compreensão de toda a extensão do gênero.

E para aproximar o título da realidade, busco usar na identidade visual elementos relacionados a fronteira e a luta trans. Elementos esses que foram usados em esboços para definir uma identidade visual pré-estabelecida. Nas cores busco usar as mesmas utilizadas na bandeira do movimento trans - Azul claro, branco e rosa claro. A ponte, para fazer referência a que liga a cidade brasileira, São Borja, e Argentina, Santo Tomé. E o sol, que representa o pôr do sol, que é tão admirado.

Ideias para identidade visual - a partir dos meus primeiros esboços:

Figura 1 - Esboço I da identidade visual



Fonte: Elaboração do autor

Neste primeiro rascunho acrescento todos os elementos que fazem referência a ideia do projeto. O título, travessia, com as três primeiras letras nas cores da bandeira do movimento trans, justamente nas letras TRA, que fazem referência a trans. A ponte faz referência a ligação de um ponto ao outro, o sol, para dar ideia do pôr do sol no rio Uruguai. Os países que fazem parte da região da fronteira oeste (Brasil, Argentina e Uruguai) nas cores da bandeira do movimento trans. O mesmo foi descartado por representar que o mapa do Uruguai não está presente, devido a redução da imagem, além de conter muitos elementos e confundir ao invés de informar.

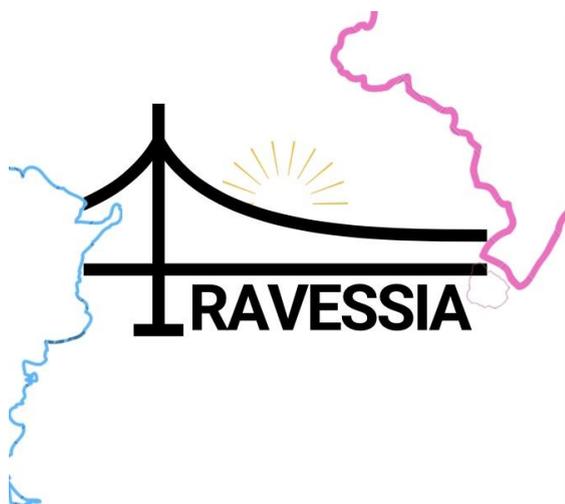
Figura 2 - Esboço II da identidade visual



Fonte: Elaboração do autor

Aqui uso basicamente os mesmos elementos. Mas a diferença está na ponte fazendo o papel do T no título. Por problemas na legibilidade no título, o mesmo foi descartado.

Figura 3 - Esboço III da identidade visual



Fonte: Elaboração do autor

Aqui ainda tento incluir os elementos de outra forma, mas ainda assim a legibilidade do título fica comprometida.



Fonte: Elaboração do autor

Figura 4 - Esboço IV da identidade visual

Nesta sigla com os elementos anteriores, e só acrescento a bandeira do movimento trans a direita da imagem, trazendo de forma mais objetiva o símbolo de luta desta comunidade. Portanto, o mesmo foi descartado por conter elementos demais.

Figura 5 - Esboço V da identidade visual



Aqui chego em algo mais próximo de um sentido e de uma identidade mais original. Mas mesmo assim a ideia foi descartada por conter alguns elementos literais demais, como a ponte e o pôr do sol.

Fonte: Elaboração do autor

Os esboços foram descartados após uma conversa com um professor do curso de publicidade e propaganda, em que ele deu sugestões e explicou porque não seria bom usar cada um dos exemplos. Após isso, o professor sugeriu que eu buscasse ajuda de um discente do curso de Publicidade e Propaganda para encontrar a identidade visual do projeto.

Então conversei com o aluno de publicidade e propaganda Lucas Fiorini, que me apresentou as seguintes ideias:

Figura 6 - Sugestão I



Aqui estão presentes as cores da bandeira do movimento trans e a ponte. Portanto, a arte foi descartada por conta da fonte usada no título.

Fonte: Lucas Fiorini

Figura 7 - Sugestão II



Aqui contém os mesmos elementos da arte acima postos de maneira diferente, a ponte fazendo o trabalho do T no título. Portanto, foi descartada pela ilegibilidade do título e por ser a mesma fonte.

Fonte: Lucas Fiorini

## 4.2 PRODUÇÃO

Para a realização das gravações utilizei um dia para a entrevista de cada personagem, as quais foram feitas nos dias 12/09, 13/09 e 18/09. E tanto os ensaios fotográficos quanto as entrevistas foram realizadas no estúdio de fotografia da Unipampa, localizado no campus 1, prédio 1.

A primeira personagem foi Monique Damascena, pessoa não-binária, professora no curso de Serviço Social e são-borjense. Em um primeiro momento, faço o ensaio fotográfico, com a troca de três a quatro looks, utilizando a bandeira do movimento LGBTQIAPN+, tintas guache, lâminas de filtros coloridos e bancos/cadeiras. Neste dia, foram realizadas 486 fotografias. Que foram selecionadas, tratadas e utilizadas na divulgação e disponibilizadas para a personagem. Após isso, foi organizado a posição de entrevistas com duas câmeras, uma luz fresnel e um microfone de lapela (os equipamentos foram utilizados em todas as entrevistas). A entrevista teve duração de 45 min. Selecionei 100 fotos para fazer edição, dessas, 20 eu usei na divulgação do trabalho.

O segundo personagem foi Matheus Henrique, homem-trans, estudante de jornalismo pela UNIPAMPA, natural de Santa Maria, mas residente de São Borja. Assim como a primeira personagem, primeiramente teve o ensaio fotográfico, com cinco trocas de looks, utilização da bandeira do movimento trans, tintas guaches, lâminas de filtros coloridos e bancos/cadeiras. Com 465 fotos, que também passam pelo processo de seleção, tratamento e utilizadas na divulgação, passo para a entrevista, que teve duração de 50 min. Selecionei 100 fotos para fazer edição, dessas, 20 eu usei na divulgação do trabalho.

A terceira personagem foi Raffa Ella Brites, mulher-trans, estudante de Ciências Políticas, são-borjense. Início novamente com o ensaio fotográfico, que gerou um total de 600 fotos, selecionadas, tratadas e usadas para divulgação. Diferentemente das outras personagens, Raffa Ella não se sentiu à vontade em tirar fotos com as cores da bandeira do movimento e muito menos com a bandeira, ela como pessoa transvestigênera<sup>7</sup>, prefere não levantar a bandeira do movimento, que segundo ela foi definido por pessoas cisgênera, por isso ela prefere usar o termo

---

<sup>7</sup> Termo que a personagem usa para sua identificação, pois propõe substituir o termo transgênera e ser mais inclusivo, fundindo as palavras transexual e travesti. Além de terminar de forma neutra, incluindo as pessoas não-binárias.

acima. Mas o ensaio contou com cinco trocas de looks, utilizando bancos/cadeiras e lâminas de filtros coloridos. A entrevista teve duração de mais de uma hora, por ela ser ativista e estudiosa da causa LGBTQIAPN+, trouxe alguns embasamentos teóricos na fala. Selecionei 100 fotos para fazer edição, dessas, 20 eu usei na divulgação do trabalho.

Já para as imagens de apoio presentes no documentário, busco trazer a narrativa de atravessar de um lugar ao outro. Portanto, incluo imagens feitas com o celular no carro em movimento da travessia da ponte da integração (entre São Borja e Santo Tomé) e da ponte do rio Ibicuí (entre Uruguaiana e Itaqui), que tem uma estrutura um pouco diferente. E também algumas imagens da estrada. Além das imagens feitas com o celular, apresento também algumas imagens aéreas feitas com drone, pelo Darlan Witchaki.

Para a identidade visual final, contei com a ajuda de um amigo que é formado em desenho industrial, Yuri<sup>8</sup>. Apresentei ao Yuri as minhas ideias e as do Lucas, presentes no tópico anterior. Com as ideias apresentadas, chegamos a duas artes: uma que farei uso como identidade visual e a outra que utilizarei de capa do produto.

Figura 8: Identidade visual definitiva



TRAVESSIA

Aqui usamos as cores da bandeira do movimento trans, seguindo a ideia de deixar o TRA do título destacado. Essa arte eu uso na abertura do documentário, com a ideia de um lado aparecer primeiro que o outro até completar o título. Essa arte foi definida como final, por conter a ideia da representação do movimento trans através das cores e por ser minimalista.

Fonte: Yuri

---

<sup>8</sup> Yuri não utiliza o sobrenome, então na hora de dar os créditos utilizo só o primeiro nome do mesmo.

Figura 9: Capa do documentário



Aqui trabalhamos com alguns dos elementos apresentados na ideia inicial. A ponte faz referência à ponte da integração, que liga São Borja a Santo Tomé, com a ideia de atravessar de um lado ao outro. As cores ao fundo, representam as cores da bandeira do movimento trans (azul claro, rosa claro e branco). E o diferencial das artes anteriores vem em dois rostos, que representam duas feições agênero<sup>9</sup>, dando a ideia de que a travessia da ponte faz alusão a travessia do reconhecimento de gênero. E o espelhado, na parte inferior, representa a dualidade do ser.

Fonte: Yuri

### 4.3 PÓS-PRODUÇÃO

Para dar início à pós-produção, comecei com o primeiro tratamento de roteiro, utilizando a formatação de roteiro de Hugo Moss (1998). Após as 15 páginas de decupagem das três entrevistas, o primeiro roteiro se encerra com 15 páginas. Com isso fiz o primeiro tratamento de imagens e comecei a edição. Mas por ultrapassar os 30 minutos de vídeo, faço um segundo tratamento do roteiro e

<sup>9</sup> O termo se refere a ausência de gênero ou gênero neutro.

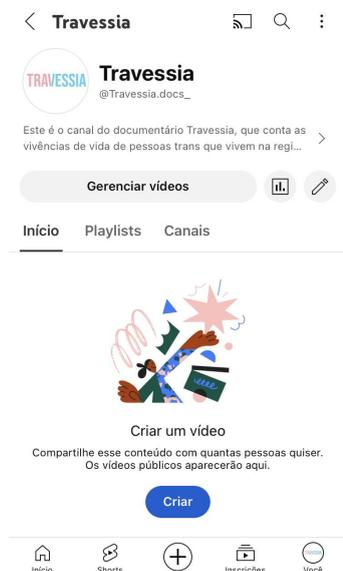
retiro algumas cenas que continham problemas. Com isso finalizo o [segundo roteiro](#), com 11 páginas, tendo um produto final de 17 minutos. E para a edição do documentário e do *teaser*, eu utilizo os computadores do laboratório de edição do campus, presente no prédio 1 do campus 1. Foi necessário duas semanas para a realização das edições. E para os GCs eu escolho uma fonte e cores discretas para manter uma boa legibilidade, discrição e dar mais foco para a personagem apresentando apenas o nome.

Figura 10: GC presente no documentário



Para a divulgação, primeiramente eu crio o perfil na rede social e testo as identidades visuais para ter uma ideia de como ficaria apresentada. Posteriormente selecionei os vídeos *making off*, alguns trechos do documentário e imagens dos ensaios fotográficos para produzir vídeos de 1 minuto que ficarão disponíveis no perfil. E para o *teaser* seleciono trechos do documentário que tragam uma narrativa de forma a instigar o espectador a assistir o produto. Procuro fazer um *teaser* com pouco mais de 1 minuto, para também poder utilizar no perfil da rede social.

Figura 11: Perfil do Youtube



Link do perfil do YouTube:  
[https://youtube.com/@Travessia.docs\\_?si=nY-8R2Gqc5eXHsWr](https://youtube.com/@Travessia.docs_?si=nY-8R2Gqc5eXHsWr)

Figura 12: Perfil do TikTok



Link do perfil do TikTok:

[https://www.tiktok.com/@travessia.docs?\\_t=8hZ3OiltlGo&\\_r=1](https://www.tiktok.com/@travessia.docs?_t=8hZ3OiltlGo&_r=1)

## 5. AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO

O uso de todas as ferramentas e espaços acadêmicos é o que dá norte a esse trabalho. Busco experimentar as práticas que tive durante a graduação e exercitar elementos que tive pouco contato. Cada etapa do processo teve suas dificuldades, mas a paciência e a colaboração de técnicos e fontes foram essenciais para eu acreditar que o meu trabalho seria único, inovador e importante, tanto para comunidade acadêmica quanto para a comunidade LGBTQIAPN+.

Primeiramente, a busca pelo tema nasce como forma de reparação histórica e de reconhecimento particular, de forma de ter um produto audiovisual sobre uma comunidade que desde que cheguei em São Borja tenho me aproximado. E como diz Rafa Ella, uma das fontes, “é importante ter pessoas Cis estudando, aprendendo e divulgando sobre a comunidade trans, que é tão marginalizada e inferiorizada...”. Portanto, o meu experimento com o ensaio fotográfico, que teve o objetivo de empoderar, cumpriu totalmente com o prometido. Trouxe leveza e tranquilidade para as fontes, e ainda elevou a autoestima das mesmas, que nunca participaram de uma sessão de fotos. Isso também colaborou muito na hora da entrevista, que mesmo eu estando nervoso, as fontes estavam descontraídas e despreocupadas com os equipamentos de gravação e iluminação. Gerando uma entrevista mais leve e tranquila, semelhante a uma conversa informal, com muita informação e aprendizado.

Cada uma das fontes trouxe a sua perspectiva de vivência, o que enriquece o trabalho e o meu conhecimento enquanto pessoa cis. Principalmente conhecimentos sobre termos e teorias que não estavam presentes na minha pesquisa, por serem mais utilizados por pessoas da comunidade trans.

Além do enriquecimento do meu conhecimento sobre gênero e sexualidade, foi possível aprimorar técnicas de fotografia, edição, grande produção (documentário) e divulgação. Provando assim que é possível utilizar os espaços acadêmicos fora de componentes curriculares, que pouco utilizam da prática nos mesmos. E além disso, comprova que o campus São Borja tem todas as ferramentas necessárias para uma grande produção. E com isso, espero que o meu exemplo inspire outros para utilizar muito esses espaços durante a graduação.

Ao finalizar a produção percebi um preparo maior em relação ao ambiente de estúdio, com familiaridade com as câmeras e equipamentos que tive a oportunidade de utilizar. Além de agregar ainda mais o meu desempenho em entrevistas, com um olhar mais delicado e empático às fontes.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“Como o jornalismo pode contribuir com uma visibilidade positiva para os corpos trans?” essa foi a pergunta problema que se baseou o trabalho e que fui em busca de resolvê-la realizando um documentário expositivo voltado a comunidade trans, através de entrevistas com pessoas trans que perceberam essa falta de representatividade na mídia, e que na maioria dos casos relacionam a comunidade a assuntos mórbidos e violentos. E a partir desses relatos conclui-se que a falta de informações sobre esses corpos dificulta o aprendizado e todo o tratamento de respeito que essas pessoas merecem. Além de não ter muitos conteúdos informativos, a maioria da cobertura fica mais voltada para midiaticizar informações que inferiorizam a comunidade LGBTQIAPN+ como um todo.

O objetivo de refletir a relação de imagem e representatividade de pessoas trans na região da fronteira oeste, mostrou a importância de ter produtos sobre a comunidade local que mostrem a relevância que o conhecimento dos corpos ajuda as pessoas a se aceitarem e ter uma vivência mais saudável. Trazendo assim a relevância de dois espaços muito importante para essas pessoas aqui no município, a Unipampa e a ONG Girassol, que além de ajudarem no próprio reconhecimento também auxiliam no entendimento da sociedade local sobre essa temática. Portanto, apresento em um documentário de 17 min a trajetória de pessoas trans que vivem no interior do Rio Grande do Sul, mais especificamente na fronteira Oeste, no município de São Borja.

É através do estudo teórico sobre gênero e sexualidade que cheguei ao título do documentário. Gênero, segundo Butler (2018), se refere a um status construído socialmente independente do sexo e sexualidade, segundo Jesus (2012), é a atração sexual que um corpo sente pelo outro. “Travessia” surge então no entendimento de Preciado (2019), que justifica o reconhecimento de gênero como

uma fronteira que as pessoas trans têm que passar para barrar o binarismo sexual da sociedade.

E sem dúvidas, o ensaio fotográfico realizado antes de cada entrevista me ajudou a compreender essa representação dos corpos nas mídias e a maneira que uma simples fotografia pode fazer com que essas pessoas se sintam mais empoderadas e realizadas por serem reconhecidas como corpos que fazem parte de uma comunidade que está disposta a incluí-las de forma a contar suas trajetórias e realizações. Tirando o foco de pontos específicos que toda pessoa trans tem que reviver a cada produção midiática. O ensaio, que foi realizado no mesmo ambiente das entrevistas (o estúdio de fotografia) ainda se justifica como uma ótima forma de descontração para as entrevistas, ajudando a fonte a se familiarizar com o ambiente, os equipamentos e gerando uma intimidade com o produtor/entrevistador.

A realização dessa produção se deu pelo meu interesse em ter um produto midiático e em poder utilizar os diversos espaços da universidade. Portanto, utilizar de um ensaio fotográfico me aproximou das fontes e fez com que eu me sentisse profissional, por poder representar essas pessoas em uma produção voltada à comunidade trans, que eu me aproximei desde que cheguei em São Borja. E ouvir das fontes que o trabalho que eu realizei é de extrema importância para o entendimento desses corpos, só me fez ter certeza de que o jornalismo pode sim trazer uma visibilidade positiva para temáticas sociais, e conseguir ainda mais relevância para a comunidade trans em todo território brasileiro. Além de agregar ainda mais no meu embasamento teórico sobre gênero e sexualidade, entendendo que a comunidade LGBTQIAPN+ precisa estudar sim sobre todas as outras letras que completam a sigla, porque todes nós precisamos ser respeitades e tratades como parte da sociedade.

## REFERÊNCIAS

BRITTEN, Nicky. Entrevistas qualitativas. In: POPE, Catherina. MAYS, Nicholas (Orgs). **Pesquisa Qualitativa na atenção à Saúde**. Trad. Ananyr Porto Fajardo. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, p.21-29, 2005.

DENNISON, Stephanie. **CULTURA CINEMATOGRAFICA E IDENTIDADES queer NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**. Campinas, São Paulo: Revista Cadernos Pagu, 2020.

FRANCISCO, Daniele. **TRANS (BORDANDO) TRAJETÓRIAS DE VIDAS: Corpos invisíveis, Potencialidades e Resistências de Pessoas Trans**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-graduação em Educação, Sorocaba (SP), 2020.

JESUS, Jaqueline. **ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO**. Brasília: editora revista e ampliada, 2012. [ebook] Disponível em: <https://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANER-O-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2023

MOSS, Hugo. **COMO FORMATAR O SEU ROTEIRO**. Rio de Janeiro: livraria da travessa, 1998.

NICHOLS, Bill. **INTRODUÇÃO AO DOCUMENTÁRIO**. 2 ed. Campinas: editora Papyrus, 2005. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/342569/mod\\_resource/content/1/Nichols%20-%20Que%20tipos%20de%20document%C3%A1rio%20existem%3F%20.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/342569/mod_resource/content/1/Nichols%20-%20Que%20tipos%20de%20document%C3%A1rio%20existem%3F%20.pdf). Acesso em: 11 abr. 2023.

NOVO, Arthur Leonardo Costa. **FAMÍLIAS EM TRANSIÇÃO: uma etnografia sobre relacionalidade, gênero e identidade nas vidas trans**. 2021, Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Natal, Rio Grande do Norte.

OLIVEIRA, Kris. Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria *queer*. Campinas, São Paulo: Publicado no periódico **REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS**, 2020.

OLIVEIRA, Sidney. **CORPOS DISSIDENTES NA ENCRUZILHADA: o encontro poético com mulheres trans, travestis e profissionais do sexo**. 2020, Dissertação (Mestrado em Dança) - Escola de dança da Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-graduação em Dança, Salvador, Bahia.

PRECIADO, Paul. Ser 'trans' é cruzar uma fronteira política, **El País**, Madrid, 10 abr. 2019. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/09/cultura/1554804743\\_132497.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/09/cultura/1554804743_132497.html).  
Acesso: 29 jun. 2023.

PUCCINI, Sérgio. **ROTEIRO DE DOCUMENTÁRIO:** da pré-produção à pós-produção. Campinas, São Paulo: Papirus, 2009.

**QUANDO EU DESCOBRI.** Direção Randy Barbato e Fenton Bailey. [2008] Estados Unidos. HBO (35 min)

RAMOS, Fernão Pessoa. **MAS AFINAL... O QUE É MESMO DOCUMENTÁRIO?** São Paulo: Senac – São Paulo, 2008.

RECUERO, Raquel. **MÍDIA SOCIAL, PLATAFORMA DIGITAL, SITE DE REDE SOCIAL OU REDE SOCIAL? NÃO É TUDO A MESMA COISA?**. Publicado no Medium, 2019. Disponível em:  
<https://medium.com/@raquelrecuero/m%C3%ADdia-social-plataforma-digital-site-de-rede-social-ou-rede-social-n%C3%A3o-%C3%A9-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec>. Acesso em: 26 mai. 2023.

RIBEIRO, Cláudia; AHMAD, Andrea; DANTAS, Beatriz; LEMOS, Adriana. Masculinidades em construção, corpos em (re)construção: desejos, contradições e ambiguidades de homens trans no processo transexualizador. Niterói, Rio de Janeiro: Publicado na **REVISTA CIÊNCIA E SAÚDE COLETIVA**, 2022.

RIGO, Francisco. **VIVER E ESPERAR VIVER:** corpo e identidade na transição de gênero de homens trans. 2015, Dissertação (Mestrado em Antropologia social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Natal, Rio Grande do Norte.

SANTAELLA, Lucia. **COMUNICAÇÃO E PESQUISA:** projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Publicado pela editora Hacker editores. 2002.

**TRANSVERSAIS (2021).** Direção Émerson Maranhão, Deberton Filmes. [2021] Ceará. Netflix (86 min)

## APÊNDICES

Link para o documentário:  
<https://drive.google.com/file/d/1PEGHblepzNsgVv4pDM-pbztGEWMhI7V3/view?usp=drivesdk>

Link para as 60 fotos usadas na divulgação:  
<https://drive.google.com/drive/folders/11wM8NvW34TUpedXISSruiomI0-3ZQ1up>

Link para o roteiro do documentário:  
[https://drive.google.com/file/d/1A5MMSSvXBQjtO\\_Ye5iUhMtilvm\\_Cb7qv/view?usp=drivesdk](https://drive.google.com/file/d/1A5MMSSvXBQjtO_Ye5iUhMtilvm_Cb7qv/view?usp=drivesdk)

Link para o teaser do documentário:  
<https://drive.google.com/file/d/1tZeo5epOcJrT7GasseulSDYiykw5it0Y/view?usp=drivesdk>

Link para o roteiro do teaser:  
[https://drive.google.com/file/d/14uKsHqG9a8EUrRIFgif0B2ifO\\_35zIDA/view?usp=drivesdk](https://drive.google.com/file/d/14uKsHqG9a8EUrRIFgif0B2ifO_35zIDA/view?usp=drivesdk)

Link para o perfil do Youtube:  
<https://youtube.com/@Travessia.docs?si=nY-8R2Gqc5eXHsWr>

Link para o perfil do TikTok:  
<https://www.tiktok.com/@travessia.docs?t=8hZ3OiltlGo&r=1>